

A Religiosidade Popular Interligada com o Poder Curativo das Plantas

Miriam Duarte De Oliveira¹

INTRODUÇÃO

Neste presente artigo iremos compreender um pouco da crença popular das plantas utilizadas para fins terapêuticos e entender a sua relação com a religiosidade popular, analisando toda a sua origem e perceber que todo esse rico conhecimento é passado de geração em geração desde os antepassados. Passar esses conhecimentos adiante se tornou uma tradição. Este artigo trata como objeto de estudo, a cura oriunda das plantas, a religiosidade popular e as plantas medicinais.

Segundo Balbach (n/d, p. 405), o uso das plantas teve origem nos povos antigos egípcios, eles descobriram muitas plantas com poder curativo e desenvolveram a fitoterapia. Os povos egípcios distinguiram as plantas pela cor, tamanho, cheiro e outras características. Eles acreditavam que o aroma exalado das plantas afastavam os espíritos que eram os causadores das enfermidades. Essa crença prosseguiu por vários anos, por diversas tribos e hoje em dia ainda há povos que ainda utilizam as plantas para obter a cura por meio de rituais, são os africanos e os povos indígenas, que através de rituais invocam espíritos fazendo um ritual mágico e religioso.

De acordo com Balbach (n/d, p. 405), Ebers descobriu o papiro em 1873, no qual contém diversas plantas descobertas pelos egípcios com seu poder curativo registrado pelos povos egípcios.

Mas, Balbach (n/d, p. 406) afirma que os povos assírios também tiveram grande importância para a fitoterapia, eles catalogaram cerca de 250 plantas para o uso terapêutico. Outro nome de grande importância para Balbach é Hipócrates (460-361 a. C.), da Grécia, que é visto como o pai da medicina, e ele utilizavam vários remédios de origem vegetal. Teofrasto (372-285 a. C.), também fez parte da história da fitoterapia, catalogando cerca de 500 espécies vegetais para a cura de moléstias. Dioscórides foi o fundador da “matéria médica” no século I da era cristã, o qual publicou um livro com 600 plantas para uso terapêutico. Outro nome de grande importância foi Plínio, que viveu no século I de nossa era.

¹ Mestranda em ciências da religião pelo mestrado institucional oferecido pela PUC/Goiania e pela FASEM.

Continha uma enciclopédia com 37 volumes, através do qual catalogou espécies vegetais que foram úteis à medicina, observando que cada planta possuía sua finalidade terapêutica para cada moléstia.

A ciência do uso das plantas é provinda dos povos egípcios, gregos, romanos, assírios, entre outros e serviram de base para os povos árabes, em que, Abd-Allah Ibn Al-Baitar, que viveu no século XIII, foi uma das pessoas árabes mais especializada em fitoterapia, que é a botânica aplicada à medicina. Ele percorreu vários países buscando mais conhecimento sobre a botânica para obter dados para sua rica obra e descreveu mais de 800 plantas.

Compreendemos que a botânica está sempre ligada com a medicina. Hoje em dia possui inúmeros estudos sobre uso das plantas para a cura de doenças, sendo uma enciclopédia mais utilizada como auxílio para pesquisas, é a farmacopeia brasileira, onde são encontradas cerca de 390.900 espécies de plantas já estudadas e catalogadas. A maior parte dessa riqueza natural se encontra no Brasil, principalmente no cerrado.

Existem as pessoas conhecidas como raizeiros, que é considerada toda aquela pessoa que possui um notório saber sobre as plantas, sendo na maioria das vezes leigos. Muitos deles conhecem plantas que ainda nem foram se quer estudadas e catalogadas. Esse conhecimento advém da cultura popular, oriunda de seu conhecimento transmitido por antepassados.

Laraia (1932, p. 26), ao descrever sobre a cultura e a antropologia, afirma que o homem possui capacidade de multiplicar suas ideias e conhecimento para outros homens e transmitir aos seus descendentes, portanto, é concedido como uma herança, por este motivo que se conceitua a cultura. O artigo irá primeiramente abordar um contexto histórico da origem do uso das plantas para fins medicinais, em seguida, vamos expor sua relação com a religiosidade popular.

HISTÓRIA DAS PLANTAS MEDICINAIS

As plantas começaram a ser utilizadas com o passar das necessidades, desde as mais básicas como para se alimentar e as mais essenciais como para a cura de doenças. Com o uso empírico das plantas foi se tornando mais importantes e com o progresso dos estudos no campo da medicina as plantas se tornaram fundamentais para a cura de enfermidades.

Segundo Almeida (2011, p. 35) o mundo não conhecia outra forma de cura que não estava ligada com as plantas ou minerais, com exceção do século XX que seus estudos já estavam mais avançados. O autor declara que o registro mais antigo quanto ao uso de plantas

para cura de enfermidades foi o registro de Pen Ts'ao, de 2800 a.C., que foi escrito pelo herborista chinês Shen Nung. Neste registro escreveu centenas de plantas medicinais na cura de várias enfermidades.

Somente no início do século XVI, um físico suíço, conhecido como Paracelso, que possui as noções básicas para a compreensão das substâncias das plantas que eram responsáveis para as atividades farmacológicas com suas devidas respostas terapêuticas, iniciou o processo de extração das substâncias vegetais, no qual ele denominou por quinta essência.

Apenas em 1809, Claude Bernard começou os estudos sobre os efeitos tóxicos das plantas, fazendo testes em laboratório com animais, através do qual observou os efeitos tóxicos que tem no uso empírico das plantas, então, foi compreendido os cuidados que devia ter no seu uso.

CULTURA POPULAR

Segundo Fintelmann e Weiss (2014 p.09), a fitoterapia se define como a “profilaxia e o tratamento de doenças e distúrbios da saúde através de plantas, bem como por partes de plantas, como folhas, flores, raízes, frutos ou sementes”. É muito bom saber que quando falamos de plantas medicinais temos todas as partes como eficácia medicinal, no qual nada é desperdiçado, e toda planta que atua no processo de cura e tratamento de doenças são consideradas plantas medicinais.

Os estudos realizados nas plantas para ver sua eficácia podem ser feitos ensaios físico-químicos em toda a planta ou parte dela, para compreender suas atividades fitoterápicas. O autor relata que não basta abranger uma composição quantitativa com comprovações, deve-se entender também a parte qualitativa das plantas, Fintelmann e Weiss cita que as seguintes palavras: “Quem quiser conhecer e descrever as coisas vivas, procure primeiro retirar delas o espírito, terá então as partes em sua mão, faltando, infelizmente, apenas o vínculo espiritual”.

O doutor Volker Fintelmann expõe em seu livro o princípio espiritual das plantas é restringida hoje na área as ciências naturais e genética. A composição das plantas no qual é formado por genes que é responsável por sua especificidade, mais além das plantas terem sua composição comprovada e sua eficácia as plantas apresentam também um caráter espiritual.

Conforme, Almeida (2017, p. 40) relata:

Preciosos conhecimentos perderam-se no decorrer da história das civilizações, extintas por fenômenos naturais, migrações e, principalmente, pela ocorrência das invasões gregas, romanas, muçulmanas e pelas colonizações europeias, que impuseram seus costumes, alterando realidades socioculturais e econômicas. No Brasil, o conhecimento dos índios, dos africanos e de seus descendentes está desaparecendo em decorrência da imposição de hábitos culturais importado de outros países, havendo um risco iminente de se perder essa importante memória cultural.

A cultura dos indígenas com o uso das plantas está muito ligada ao sagrado, pois, os indígenas determinam a cura por uma relação entre o homem e a natureza, distinguem a doença no ser humano como a falta de equilíbrio na vida. Segundo Luz (2005, p. 155), essa integração quando está em desarmonia com os elementos essenciais para vida, tem a intervenção do xamã, que são agentes que promovem a cura, restaurando as energias vitais do equilíbrio da vida. O xamã também produz visões, e é por meio desse equilíbrio que ele obtém visões além de doenças, inclui também a morte, azar, acidentes, feitiço, mau-olhado, e outros tipos de males.

Para esse processo da cura é sempre utilizado as ervas, conhecidas como fitoterapia, através das quais fazem uma invocação espiritual, operado pelo xamã. Hoje em dia existem vários tipos de agentes de cura que utilizam essa riquíssima cultura popular. Conforme expõe Silva (2014, p. 85), encontram-se, além dos indígenas, os descendentes dos africanos, os benzedores, raizeiros, curandeiros, rezadores, os umbandas, candomblé, feiticeiros, mágicos, todos esses tipos de agentes da cura utilizam as plantas por meio de rituais ou fenômenos religiosos. De acordo com Otto (1985, p. 12-15) esse tal fenômeno religioso se denomina como numinoso, que é:

Uma experiência provocada pela revelação de um aspecto do poder divino. Ele aparece vivo em todas as religiões. Ele constitui a parte mais íntima, e sem ele, a religião perderia as suas características... Eu uso a palavra numinoso. Se lumen pode servir para formar luminoso, numen pode formar o numinoso. Falo de uma categoria numinosa como uma categoria especial de interpretação e de avaliação, um estado de alma que se manifesta quando essa categoria é aplicada, isto é, cada vez que um objeto é concebido como numinoso... Ele pode ser indicado apenas pelo tom e pelo conteúdo particular da reação sentimental que provoca sua aparição na consciência e que é necessário cada pessoa experimentar... Somente por meio de interferência é que se pode concluir que esse sentimento é causado por algo externo a mim, que, se encontraria na divindade em si. Mas esta concepção é contrária aos dados psíquicos. O sentimento de ser criatura é, pelo contrário, um elemento subjetivo concomitante, por assim dizer, ele é a sombra de um outro sentimento, o sentimento do medo que, sem nenhuma dúvida, relaciona-se diretamente a um objeto existente fora de mim. Este objeto é o objeto numinoso.

Para se compreender essa cultura popular é necessário entender alguns conceitos importantes. De acordo com a RDC n. 14, publicada em 05 de abril de 2010, da Agência

Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), denomina planta medicinal como: “espécie vegetal, cultivada ou não, empregada com finalidades terapêuticas”. Derivado vegetal é: “produto da extração de planta medicinal *in natura* ou da droga vegetal sendo capaz de processar-se na forma de extrato, tintura, alcoolatura, óleo fixo e volátil, cera, exsudato e outros derivados”.

Matéria prima vegetal entende-se como “a planta medicinal, a droga vegetal ou o derivado vegetal”. Medicamentos fitoterápicos são aqueles “obtidos com emprego específico de matérias-primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são regularizadas através de levantamentos etnofarmacológicos, de utilização, documentações tecnocientíficas ou evidências clínicas.” Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera-se medicamento, “todo produto farmacêutico empregado para modificar ou explorar sistemas fisiológicos ou estados patológicos, em benfeitoria do indivíduo a quem se administra, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou de diagnóstico”.

Compreende-se por medicamento fitoterápico “aqueles obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais.” E entende-se por remédio “todos os meios físicos, químicos ou psicológicos através dos quais se procura o restabelecimento da saúde”.

Visto que remédio utiliza vários elementos para obter a cura é dado como exemplo as rezas, no qual poderá ser eficaz nos rituais. As culturas populares utilizam o remédio para a cura de enfermidades. Segundo Almeida (2011, p. 43) as pesquisas etnofarmacológicas e etnobotânicas passam por grandes dificuldades no Brasil, sendo a flora brasileira considerada com maior biodiversidade, a mais rica em espécies vegetais. Essa grandiosa riqueza vem sendo destruída pelos homens, e assim, se perdendo todo o conhecimento e informações sobre as plantas medicinais de origem africana, indígena e europeia.

Para Almeida, o Brasil possui cinco regiões em maior abundância de espécies vegetais medicinais que é: a Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Pantanal Mato-grossense, Cerrado e Caatinga. Muitas plantas desses territórios são utilizadas somente para uso popular, ou seja, não foi realizado nenhum estudo etnobotânico ou etnofarmacológico, e esse uso popular muitas das vezes é realizado pelos raizeiros, que possuem um enorme conhecimento das plantas e uma ampla experiência oriunda da cultura popular. Esse conhecimento que demonstram foi passado de geração em geração.

Grande parte dos raizeiros não possui escolaridade completa, alguns são até analfabetos e conhecem o uso terapêutico das plantas só pela cultura e consegue distinguir a plantas por suas folhas, flores, caule e frutos. No uso empírico das plantas para promoção da cura, eram

dados todo um cuidado rigoroso no momento de escolha da planta, no seu modo de colheita, secagem, trituração até ao preparo do remédio.

Luz (2014, p.80) afirma que os estudos do uso das plantas estão relacionados com aspectos religiosos, sociológicos e culturais dos povos. Mas à medida que a ciência foi evoluindo, foi se perdendo os aspectos religiosos do uso das plantas, permanecendo somente em algumas práticas religiosas, como a umbanda e o candomblé.

Na Bíblia há citações sobre o cultivo e o uso das ervas tanto alimentício quanto medicinal como em (Gn 1:11): “E disse Deus: produza a terra relva, ervas que deem semente, e árvores frutíferas que, segundo as suas espécies, deem fruto que tenha em si a sua semente, sobre a terra. E assim foi.” Também em (Gn 1:30): “E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todo ser vivente que se arrasta sobre a terra, tenho dado todas as ervas verdes como mantimento. E assim foi.” E muitos outros versículos são encontrados.

Segundo Silva (2014, p. 82), o uso religioso das ervas nas sociedades primitivas eram que:

Dominadas por mitos religiosos, tanto doenças quanto suas curas vinculavam-se a crenças, sistemas religiosos, ritos mágicos. Daí a incorporação do aspecto religioso e místico do emprego das plantas nos tratamentos de doenças. Acreditava-se, na visão de uma teoria pagã, que o mundo vegetal possuía propriedades ocultas e segredos que tinham sido revelados há humanidade pelos deuses. Assim, por atuação divina, muitas plantas eram sagradas e tinham poderes sobrenaturais para curar problemas de saúde e outros malefícios.

Essa relação de saúde e religião que faz parte da natureza humana vem se prevalecendo até os dias atuais. O ponto essencial para a cura das plantas é a fé, tanto a nível pessoal quanto coletivo. Reimer (2008, p.66) relata a existência de uma relação interpessoal do indivíduo nos processos terapêuticos de fé entre a pessoa doente e a divindade. Concebendo o poder divino para curar, no qual, a fé proporciona poderes muito importantes, no qual pode propagar o poder rogando, pronuncia e libera o poder da divindade, permitindo a libertação do mal existente dentro de si. Silveira (s/d, p.01) “expõe que essas crenças têm uma grande ligação com a natureza sendo que os deuses estão presentes em tudo nela, então as plantas se tornam divinizadas.”

Silveira (s/d, p.04) define ritual como:

Cerimônias, procedimentos ou atos que os seres humanos praticam, de religião ou contato com a(s) divindade(s). Os rituais podem ser individuais ou coletivos. Uma outra palavra para designar o ofício religioso é liturgia, a celebração, podendo incluir um ritual (como a missa católica) ou uma atividade religiosa diária (como as salats

muçulmanas). A celebração litúrgica rememora a relação dos fiéis com a(s) divindade(s).

A autora vem nos falando sobre pessoas que são destinadas a executar esses ritos, são indivíduos intermediários do divino, que são os pajés, pastores, padres, rabinos, pais-de-santo, feiticeiros, benzedores entre outros. Todas as religiões estão fundamentadas na fé, todas acreditam num ser divino.

A compreensão da divindade é uma racionalização do que o homem encontra em si mesmo, uma forma restrita e reduzida. Mas ao sobrepor ao Divino, são considerados perfeitos, completos. Otto 1985 se depara com uma oposição do racionalismo com a religião, na definição da palavra. Na maioria das vezes o “racionalismo é exposto como a negação do milagre e a afirmação do milagre é a negação do racionalismo”. O racional observa o milagre como uma interrupção das leis naturais. De acordo com Eliade (1986, p. 15), essa manifestação do sagrado no homem, no qual ele tem uma experiência religiosa, é difícil ser aceita para alguns seres humanos. Para muitos é difícil compreender que o sagrado pode se manifestar em árvores, pedras, plantas, e ainda mais serem adoradas e cultuadas.

Eliade (1986, p. 22) expõe:

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente. A manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo.

CONCLUSÃO

Como visto neste artigo concluímos dizendo que a fitoterapia pode ser considerada um campo de relação de saberes e práticas populares, no qual, reconhecem e dão grande importância para os recursos naturais da biodiversidade. Embora com o desenvolvimento científico na medicina, ainda permanecem. Pouco mais se conserva o uso de plantas para fins terapêuticos, contém muitos livros, com lista de plantas, o seu uso terapêutico, indicações para várias doenças, no qual se torna mais fácil a procura de seu uso. Até para fazer o preparo das plantas para seu uso encontra mais fácil, podendo até encontrar já preparada pronta para o consumo um grande exemplo são os raizeiros que fazem a venda das plantas já prontas para usar.

Hoje em dia você que deseja usar plantas nem é preciso ir até a mata e colhê-las pode encontrar a venda em feiras livres pelos raizeiros.

As plantas ainda conservam em algumas práticas religiosas o seu poder místico que proporcionam por meio da fé emoções que são tratadas como fenômeno religioso. Esses poderes curativos estão ligados com a natureza e o espiritual de dentro de si, promovendo a cura dos males e enfermidades, e essa relação se designa como antropologia da religião.

O uso das plantas para fins medicinais, que veio desde os povos mais antigos, até hoje, ocorre por meio da cultura popular que é passada de geração em geração. O artigo apresenta o exemplo dos raizeiros e índios que passam esse rico conhecimento aos seus descendentes. Um exemplo dos índios é que somente o pajé possui o conhecimento da cura oriunda das plantas, então o pajé passará esse conhecimento somente para seu descendente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Mara Zélia de. **Plantas medicinais**. Salvador: EDUFBA, 3. ed 2011. 221 p.
- BALBACH, Alfons. **A flora nacional na medicina doméstica**. São Paulo: 9ª Edição, vol. II, s/d.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Anvisa, OMS.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Anvisa. **Resolução RDC n. 14, publicada em 05 de abril de 2010**
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FINTELMANN, V.; WEISS, R. F. **Manual de Fitoterapia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1932.
- Luz, Madel T. **Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX**. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento):145- 176, 2005.
- OTTO, Rudolf. **O sagrado**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.
- REIMER, Ivoni Richter. **Milagres das mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural**. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Ed. da UCG, 2008.
- Silva, Cilma Laurinda Freitas. **Uso terapêutico e religioso das ervas**. *Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 79-92, jan./jun. 2014.
- SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **A diversidade religiosa**. s/d.